

CORONEL, A PALAVRA

Em memória do Cel Lauro Pires de Carvalho

OSCAR VIEIRA DA SILVA
Professor da Academia de Polícia Militar

Resumo: *Estuda a palavra "Coronel" em suas duas acepções básicas, suas origens e seu emprego na linguagem militar, na Europa e no Brasil. Tece algumas considerações sobre a flexão de gênero da palavra.*

1 INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho, que pretende integrar uma série de breves artigos sobre terminologia militar, em alguns casos policial-militar especificamente, procura-se analisar o termo que indica o mais alto posto dentre os que designam os oficiais superiores das Polícias Militares. Não se trata de um termo tão antigo quanto a palavra "alferes", já estudada em outra ocasião¹⁹, e seu uso como expressão militar, designando um posto na hierarquia, é ainda mais recente, pois, pelo que tudo indica, começou a ser empregado, com o sentido atual, na França, durante o reinado de Francisco I (1515-1547), responsável pela constituição de um exército permanente naquele país, firmando-se, no entanto, apenas por volta de 1808, com Napoleão Bonaparte, depois de ter sido abolido pela Revolução.

Na Espanha, embora de uso corrente com conotação militar, só passou a ser empregado oficialmente a partir de 1704, durante o reinado de Felipe V. Daí transmigrou para as organizações militares portuguesas e, finalmente, para o Brasil. Hoje é de uso corrente, ao que tudo indica, entre as Forças Armadas de inúmeros países, sofrendo, como não poderia deixar de ser, adaptações tanto em sua forma, quando no posto que indica, de acordo com as peculiaridades de cada uma.

2 OS SIGNIFICADOS

Em português, bem como em espanhol, a palavra "coronel" tem dois significados básicos: um deles para designar um objeto, o outro para designar uma pessoa. O dicionário de AURÉLIO BUARQUE (2ª ed. revista e aumentada) registra o seguinte:

"Coronel¹. (Do fr. **Colonel**). S.m. 1. V. hierarquia militar.

2. Oficial que detém o posto de Coronel. 3. Designação comum a coronel e tenente-coronel. (Usa-se muito **coronel** abreviadamente, para designar **coronel-aviador e tenente-coronel aviador.**)"

Acrescente-se que o mesmo ocorre na Polícia Militar de Minas, sendo comum, entre oficiais, chamar-se ao tenente-coronel apenas coronel.

"Coronel². (Do esp. **Coronel**). S.m. Heráld. Coroa aberta que remata superiormente um escudo: "Dos coronéis irrompem, como timbres soberbos, soberbas cabeças de águias." (Antero de Figueiredo, **Toledo**, p. 118).

Os mesmos significados vamos encontrar em CALDAS AULETE.

É óbvio que, dos dois significados, o mais empregado atualmente é o primeiro, já que os termos de heráldica não são de uso corrente, a não ser entre especialistas no assunto. No entanto, parece que o segundo significado é mais antigo que o primeiro, com o qual, talvez, tenha alguma relação de sentido, embora não se possa provar essa relação com documentação.

SAID ALI*, depois de lembrar a ocorrência dos significados acima mencionados, dá-nos dois exemplos bastante elucidativos sobre o segundo:

*"Sobre o escudo das armas de sua família põem os nobres que não sam titulares o elmo... os títulos duques, marqueses, condes e viscondes, em lugar do elmo usão de **coronel**". (Nobiliarquia Portuguesa, p. 216)*

*"Quando el Rey D. João I de Castella fez duque de Penafiel a seu filho o infante Dom Fernando, que depois foi rey de Aragam, nas Cortes de Guadalaxara, anno de 1395, poz-lhe na cabeça hũa coroa estreita de aljofares cõ flores iguaes, que, como diz Dom Hieronymo de Urea nos Dialogos Militares, he o **coronel**, e insignia da dignidade de duques. Hoje basta a mercê do rey somente" (p. 57).*

Acrescenta o filólogo a seguinte explicação:

*"Vê-se bem que a coroa maior, ou **coroa** propriamente, competia ao rei; para duques, marqueses, condes e viscondes, eram as coroas estreitas ou **coronéis**. Diferença importante de insignia e denominação, para que a dignidade desses titulares, com todas as suas prerrogativas e privilégios, não pareça igualada com a dignidade do monarca".*

Ainda para o mesmo autor, o uso do termo "coronel" para designar pessoa remonta a princípios do século XVI ou fins do século

* Said Ali, *Investigações filológicas*, p. 184

XV, não tendo, na época, nenhuma conotação militar. Documenta ele o emprego do termo em dois autos de Gil Vicente: **Auto da Barca do Inferno e Auto da Lusitânia**, o primeiro representado em 1517, e o segundo, em 1532.

No **Auto da Barca do Inferno**, a personagem, ao ver que o Diabo se recusa a receber o dinheiro que lhe oferece para atravessar sua cabra na barca, procura intimidá-lo:

JUDEU "Eis aqui quatro tostões
e mais se vos pagará.
Por vida do Semifará
que me passeis o cabrão.
Quereis mais outro tostão?"

DIABO Nenhum bode há de vir cá.

JUDEU Corregedor, coronel,
castigai este sandeu."*

Para SAID ALI, "chamavam "coronel" a certa autoridade de tanta valia como o corregedor, cuja palavra tinha força decisiva nos casos de contenda".**

No **Auto da Lusitânia** é uma judia quem fala:

"Assi hūas primas minhas,
E toda esta vizinhança
Todos tem amor comigo
Dom Isagaha Barabanel
E rabi Abram Zacuto
O Donegal coronel,
E dona Luna de Cosiel
E todos me querem muito".***

Como a judia se gaba das muitas pessoas amigas e da qualidade delas, é possível que, aqui também, "coronel" designe um cargo, civil ou militar, não é possível deduzir pelo texto, de grande importância e valor.

Cabe lembrar, ainda, que a palavra foi usada como nome, ou sobrenome, como se diz hoje. Lembre-se, a propósito, Gregório Nunes Coronel, famoso teólogo português do século XVII.

Outro significado da palavra vamos encontrar em MORAIS: "Em alguns Mosteiros, **Coronel** é o frade, que cuida dos aparelhos da rasureira", ou seja, da coroa ou tonsura dos religiosos.

* Gil Vicente, *Auto da barca do inferno*, p. 65

** *Idem*, p. 185

*** Gil Vicente, *Auto da lusitânia*

Em Portugal, o termo passa a ser empregado ligado a uma atividade vagamente militar por volta do século XVI. Esclarece SAID ALI que a palavra é empregada por FERNÃO MENDES PINTO para indicar o recrutador de soldados:

*"mandou pelo reyno vinte coronéis a fazer hũa certa quantidade de gente, aos quais determinou que em termo de vinte dias viessem com ella a aquella cidade de Odíaa... e a cada hum destes coronéis foy sygnalada a comarca em que avia de yr fazer sua gente".**

Lembra ainda que

*"D. Sebastião, nos preparativos da batalha que lhe custou a vida, fez coronéis a quatro fidalgos principais aos quais repartindo as comarcas do reino, por suas pessoas e outros capitães foram a fazer gente de paga, que foram, refere Frei Bernardo da Cruz, nove mil homens bisonhos e de nenhuma experiência, e sobretudo mal providos darmas".***

Como se vê, pelo menos a partir do século XVI a palavra, até então com sentido limitado à heráldica, passa a ser usada com significado ligado, se não a uma atividade militar, pelo menos à vida militar. E se não designava um posto no exército de então, pelo menos ligava-se aos soldados por ele recrutados, ou à sua "coluna".

3 A ORIGEM

Como se sabe, a mesma palavra utilizada para designar coisas diferentes nem sempre tem a mesma origem. É o que se dá por exemplo, com as palavras "canto", substantivo, do grego **kanthós**, pelo latim **canthu**, "círculo de ferro que rodeia a roda" e "canto" do verbo "cantar", do latim **cantu**, de **cantare**, frequentativo de **canere** (NASCENTES). É o que a gramática histórica denomina de formas convergentes, isto é, palavras com feição ou aspecto igual mas que têm origens diferentes. Exemplo clássico é o da palavra "são", do verbo "ser", a mesma forma significando "sadio" e, ainda, "santo" e que se originam, respectivamente, de **sunt**, **sanu**, e **sanctu**.

Quanto à origem do termo de heráldica, parece não haver maiores mistérios. Filia-se, diretamente, ao antigo francês **coronele** (**colonel**, na língua de hoje), também diminutivo de **coronne** (**couronne**, no francês moderno). A origem da palavra está no latim **corona**, "coroa", tendo-se: **corona** – **coronne** – **couronne**.

* Said Ali, *Investigações Filológicas*, p. 186

** *Id. Ibid.*

É grande a simbologia que cerca a palavra latina. Além de seu sentido usual, com tudo o que significa, ou seja, láurea, ornamento de reis, símbolo de poder, na Roma antiga aparecia nas expressões que se seguem, com conotação militar:

corona civica: coroa de folhas de carvalho que se dava àquele que, na guerra, livrava da morte um cidadão;

corona muralis: coroa de ouro que se dava ao soldado que, no assédio a cidade inimiga, era o primeiro a saltar seus muros;

corona navalis: coroa de ouro que, nas batalhas navais, era dada ao primeiro a entrar numa nave inimiga;

corona ovallis: coroa de murta que ostentavam os imperadores, quando entravam em Roma em triunfo (**ovatio**)

No francês, a palavra de origem sofreu as transformações que geralmente ocorrem na passagem de uma para outra língua, regra geral decorrentes de outros hábitos fonéticos: transformação do "a" final de **corona** em "e" mudo*; transformação do "o" fechado pretônico em "ou", como exceção à regra geral segundo a qual a tendência é transformá-lo também em "e" mudo**. Quanto à forma diminutiva, **coronele**, significando "coroa pequena", cabe lembrar que o sufixo *el*, posteriormente usado para formar adjetivos, tinha caráter de sufixo diminutivo até por volta do século XIV.***

No que diz respeito ao termo empregado no sentido militar, diz NASCENTES:

"CORONEL — Do it. **colonello**, primitivamente título de quem comandava uma coluna do exército (A. Coelho). Houve dissimilação do *l* interno e apócope do *o* final. A Academia Espanhola reconhece a mesma origem para o esp. **coronel** e Brachet para o fr. **coronel** (séc. XVI). Coluna era o corpo de tropa disposto em forma de coluna deitada."

De fato, deparamos com o seguinte no **Diccionario de la lengua española**, da Real Academia Española:

"Coronel. (Del. ital. **colonello**, de **colonna**, columna) n. Jefe militar que manda um regimiento."

Também filia "coronel", termo de heráldica, ao latim **corona**.

Já MORAIS, na edição de 1813, não trata da etimologia da palavra, que vai aparecer na 10ª edição:

"Coronel ¹, s.m. (do ital, **colonello**). Oficial do exército de graduação imediatamente inferior à de general-de-brigada; chefe de co-

* Albert Dauzat, *Histoire de la langue française*, p. 45

** *Id.*, *Ibid.*

*** Albert Dauzat, *Les étapes de la langue française*, p. 74

luna. // Ant. Comandante-em-chefe do exército ou de todas as unidades da mesma arma. // Atualmente, oficial que comanda um regimento: "No dia designado acharam-se presentes onze capitães-mores e outros coronéis" Franklin Távora, *O Cabeleira*, cap. 10, 147 (...)"

CONSTÂNCIO (1836) admite a mesma origem, mas com uma via intermediária:

"CORONEL, s.m. (Fr. colonel, do It. colonello, de colonna, columna, chefe de columna), t. mil., chefe, comandante de regimento de infantaria, cavallaria, ou artilharia (...)"

Também filia o termo de heráldica à palavra *corona*, do latim.

Dos dicionários mais recentes, encontramos o seguinte em ANTÔNIO GERALDO DA CUNHA:

"coronel¹ s.m. "Posto da hierarquia militar" 1813. Do Fr. colonel, deriv. do it. colonello "comandante de uma coluna."

"coronel² - coroa".

Também CALDAS AULETE, que se preocupa com a etimologia, vai apontar a mesma filiação:

"CORONEL¹, s.m. oficial superior do exército, cuja graduação é imediatamente inferior à do general de brigada. (Compete-lhe o comando de um regimento). (...) F. ital. colonello (comandante de uma coluna).

"CORONEL², s.m. (heráld.) remate em forma de coroa encimado de um escudo. F. lat. Corona (coroa)".

No francês, DAUZAT¹¹ filia o termo diretamente ao italiano:

"Colonel (XVI^e s., Amyot, var. coronel (forme esp.) empr. à l'it. colonello, (proprem. "qui comande la colonne)".

Como se vê, há praticamente unanimidade entre os dicionaristas no que diz respeito ao fato de a palavra derivar imediatamente, conforme o sentido, do latim *corona*, no significado de coroa pequena, e do latim *columna*, enquanto empregada como termo militar, e a forma portuguesa imediatamente do francês e este do italiano.

A forma inglesa, *colonel*, não parece ter outra origem – *The Oxford Universal dictionary illustrated*, 3^a edição, data o termo de 1548, sob a forma *coronel*, como sendo derivado do francês *coronnel*, adaptação do italiano *colonnello*, formado de *colonna*, "Coluna". Tem o mesmo significado já tantas vezes apontado: "The superior officer of a regiment."

COROMINAS filia o espanhol *coronel*, "jefe que manda un regimiento" ao italiano *colonnello* "columna de soldados", "jefe que la manda; coronel", acrescentando tratar-se de diminutivo de *colonna*, de igual significado e origem que *columna*. Segundo o dicionarista, o primeiro documento em que a palavra ocorre em espanhol data de

1511, "en carta escrita por el catalán Hugo de Moncada desde Palermo; desde 1516 en texto de varias procedencias".

No italiano, segundo ainda nos informa COROMINAS, a palavra está documentada, com o mesmo sentido, pelo menos desde Maquiavel, e a segunda, desde 1543, embora possam ser ainda anteriores a essas datas.

Na França, a palavra aparece pela primeira vez em documentos de 1542 (**couronnel**) e a forma moderna (**colonel**) em 1556.

SAID ALI, no entanto, ignorando a própria citação em que mostra a palavra empregada, no século XVI, para designar "recrutador de soldados" observa:

"A origem do designativo de pessoa, port. e esp. coronel, fr. colonel, ingl. colonel, ital. colonnello, é obscura. Para aceitarmos, como alguns querem, o italiano por arquétipo, falta-nos, primeiro que tudo, a certeza de caber à Itália a prioridade do uso. Seria, segundo esta opinião, nem mais nem menos do que o diminutivo de colonna aplicado em sentido translato.

*"Chamariam 'colunazinhas' a certas pessoas de destaque; coisa esquisita, que se explica com dialética e fantasia."**

No entanto, é o mesmo filólogo que, mais adiante, depois de lembrar que D. Sebastião fez coronéis a quatro fidalgos, explica:

"Coronel não significava propriamente um posto especial no comando das tropas conferido ao fidalgo encarregado de fazer gente. Dirigia, é verdade, quase sempre ele próprio o terço ou contingente dos seus soldados ao combate, mas quanto ao desempenho deste ofício não passava de capitão, como qualquer outro. Se lhe chamavam coronel, era mais em atenção ao pertencerem a ele os soldados recrutados do que à circunstância do comando.

"A denominação não cessava com o desempenho cabal da missão do recrutador. Continuava a dar-se o nome de coronel ao respectivo fidalgo enquanto chefiava seus homens, como um título honorífico (...)"

Como se vê, o próprio SAID ALI, não obstante duvidar da filiação da palavra ao latim **columna**, encontra razoável explicação para essa origem.

No latim, a palavra **columna** não era utilizada para designar agrupamento de tropa. LEOPOLDO PEREIRA, na tradução dos **Anais** de TÁCITO, emprega a palavra "coluna" com esse sentido, embora não corresponda, a tradução, exatamente ao sentido latino. Diz na tradução: "César dividiu as legiões em quatro **colunas** para que fosse

* Said Ali, *Investigações filológicas*, p. 185

mais amplo o estrago."* E o original: "César avidas legiones, quo latior populatio foret, quattuor in **cuneos** dispertit."**

Como se vê, o autor latino utiliza-se da palavra **cuneus**, "a cunha", que designava batalhão ou esquadrão formado a modo de cunha, além de ter outros significados.

4 O EMPREGO COMO TERMO MILITAR

Segundo nos informa a **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**,

"O vocábulo parece ter sido usado primeiro pelos italianos, no princípio do século XVI, depois na França, no reinado de Francisco I. Na Península equivalia o posto a mestre-de-campo e substituiu-o posteriormente. Na arma da cavalaria o posto aparece nos primeiros anos do século XVIII, e seguidamente na arma de artilharia, para designar o comandante do regimento".

De acordo com CABANELLA TORRES, a palavra "coronel", em sentido militar, entrou na Península Ibérica, juntamente com vários outros termos militares, em decorrência das campanhas espanholas em terras italianas. Admite, inclusive, que a forma espanhola da palavra seja derivada do italiano **colonnello**, derivada de **colonna**, "coluna", em sentido militar, designando seu comandante durante as batalhas, como, aliás, lembra SAID ALI na obra antes citada.

Admite-se, também, por outro lado, a possibilidade de que a palavra, bem como o posto que designa, tenham entrado para a língua espanhola através do francês **colonel**, embora outros autores acreditem que o vocábulo formou-se dentro do próprio espanhol.

Esclarece CABANELLA TORRES que o termo aparece pela primeira vez, na língua castelhana, nas obras de Gonzalo de Ayora e em **De Re Militari**, de Diego de Salazar, diálogo sobre a arte da guerra, possivelmente calcado sobre a **Arte della Guerra**, de Maquiavel.

Diz textualmente SALAZAR: "Ordenaría después un general de todo el batallón (12 compañías) y llamaríale ya **coronel del batallón...**" **"A Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana**, tomo XV, no verbete próprio, acrescenta:

"Al comenzar el siglo XVIII desaparecieron los tercios, convertidos por la Ordenanza de 1702 en batallones, que traían à su frente un coronel ó maestro de campo, y dos años más tarde los batallones se transformaron a su vez en regimientos, quedando

* Tácito, *Anais*. Tradução de Leopoldo Pereira, p. 35

** Tácito, *Annales*, p. 68

ya desde entonces el nombre de coronel como título definitivo para los jefes que los mandaban."

Lembra, porém, que, não obstante se usar na Espanha **coronel del batallón**, não era expressão oficial do exército espanhol, nos séculos XVI e XVII. As expressões oficiais eram as palavras **maestro, maestre ou maese de campo***, designando o comandante de unidades então constituída de número variável de companhias.

Assim, durante a Guerra de Flandres (1567-1609), a palavra **coronel** era usada, entre as forças espanholas, apenas para designar o comandante de unidades estrangeiras (belgas e alemãs) agregadas às forças da Espanha. Os comandantes castelhanos, com exceção daqueles que tinham sob suas ordens unidades não espanholas, eram denominados **maestres de campo**; já as unidades que comandavam eram denominadas **tercios**; os comandantes não espanhóis eram chamados **coroneles e regimientos** as tropas sob seu comando.

Também entre os franceses observa-se a mesma dualidade. A palavra **colonel** foi usada, como já se observou, desde o tempo de Francisco I, com a nova organização que deu ao exército, sob inspiração italiana, sem excluir, no entanto, o correspondente **maestre de campo**, de inspiração espanhola, expressão que continuou a ser usada até que ambas foram abolidas pela Revolução. A palavra **colonel** só voltou a ser empregada, no sentido militar, com Napoleão, a partir de 1808.

Na Espanha, **coronel e regimiento** (em lugar de **maestre de campo e tercio**, respectivamente) passaram a ser empregadas oficialmente a partir de 1704, com Felipe V, com o intuito de apagar os nomes de unidades e postos usados nos tempos dos monarcas da Casa da Áustria.

Antes disso, no entanto, parece que não oficialmente, existiam já as chamadas **colunelas**, "agrupación táctica de varias compañías y capitánias, usual a comienzos del siglo XVI e cuyo mando se encomendaba a un **cabo de colunela o colonel**, de donde surgiría luego la voz **coronel**." Antes disso, no final do século XVI, início do século XVII, a **capitanía** era a unidade táctica existente. Muito fraca para operar isoladamente, exigia combinação com outros elementos. Por isso, criaram-se corpos especiais, chamados **colunelas** que constavam de várias **campañias**, como os atuais **batallones**. Acrescenta o autor dessas informações, CABANELLA TORRES, que a palavra parece adotada do italiano, como diminutivo de **colonna**, coluna arquitetônica e adotada para indicar uma massa completa e formada em certas

* Entenda-se: *mestre de campo* = *mestre de acampamento*.

condições, por exercer a coluna, no Exército, a mesma função que exerce a coluna em um edifício. Acrescenta que eram, na época, corpos estáveis: constituíam-se quando do início de uma campanha e, terminada essa, retornavam à situação anterior, ou seja, voltavam a integrar a capitania de origem. O cargo de **cabo de colonela** era transitório e ocupado por quem melhor pudesse exercer a função.

Ao que tudo indica, nas organizações militares portuguesas e, por decorrência, nas brasileiras, ocorreu fato semelhante, ou seja, o posto de Mestre de Campo foi substituído pelo de Coronel, no Brasil, ainda durante o período colonial, segundo nos informa GUSTAVO BARROSO. O Mestre de Campo exercia o comando de um terço (unidade correspondente a um terço de um Regimento). Quando os terços foram ampliados e convertidos em Regimentos os Mestres de Campo foram equiparados a Coronéis.

Tal alteração deu-se, possivelmente, a partir de 1762 (Decreto de 5 de abril de 1762). Desde 1761, a legislação militar portuguesa, redigida pelo Conde de Lippe, convidado pelo Marquês de Pombal para reorganizar o Exército lusitano, sofreu radicais transformações que, como não podia deixar de ser, acabaram por se refletir no Brasil. A transformação dos "terços em regimentos" deu-se a partir de 1764, segundo nos informa SÓUZA (20).

"Tropas de Primeira Linha (Exército): forças permanentes e pagas. A princípio vinham de Portugal, incorporando-se a elas, posteriormente, nacionais. Inicialmente organizadas em "terços", compostos de várias companhias, de 100 homens em média, comandadas por capitães. A partir de 1764, passaram a ser organizadas em regimentos."

Havia, também, o Mestre de Campo General, que era o imediato e substituto do General. Também essa denominação foi mudada para Tenente-General, que também já não se encontra na hierarquia militar brasileira.

5 A FLEXÃO DE GÊNERO

Dos dicionários modernos consultados, apenas AULETE, registra a forma feminina "coronela", com dois significados:

"CORONELA 1 s.f. mulher de coronel. // Mulher que tem graduação de coronel: a princesa é **coronela** honorária do regimento. // F. **Coronel**". (Nota-se que a abonação é do próprio autor).

MORAIS (1813) e CONSTÂNCIO (1836) não registram a forma feminina. No espanhol, a forma "coronela" designa "companhia de soldados" (COROMINAS). Também o Dicionario da Real Academia nos informa:

“**Coronela.** adj. Aplicábase a la compañía, bandera y otras cosas que pertencían al coronel.”

Como se vê, a palavra “coronela”, pelo menos em espanhol, é adjetivo e não substantivo, como quer AULETE, o único a filiá-la a essa classe e com o significado dado, o que leva a crer, tendo em vista também a ausência de abonação, que o substantivo feminino, no sentido dado por ele, não foi e nem é usado. Como substantivo feminino, aparece também em MORAIS, mas na 10ª edição, com significado semelhante ao significado espanhol, com a indicação de que o sentido é antigo:

“Coronela, s.f. (de coronel) Ant. Designação dada na Península e nos séculos XVII e XVIII, à primeira companhia de um regimento, comandada directamente pelo coronel.”

Como se vê, a forma feminina, adjetivo, caiu em desuso. Como substantivo, não encontramos nenhuma abonação. Modernamente, com o ingresso de mulheres nas Forças Armadas e nas Polícias Militares a questão virá à tona, não só em relação à palavra objeto destas notas, mas em relação a todos os postos e graduações nela existentes. O que se observa, atualmente, pelo menos entre os órgãos da imprensa, é certa hesitação no uso desses termos, oscilando o emprego entre a forma feminina (soldada, por exemplo) e a masculina, precedida de artigo feminino (“a sargento”, por exemplo).

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

1. AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Ed. Brasileira por Hamilton de Garcia. Rio de Janeiro: Delta, 1958, 5 v.
2. BARBOSA, Valdemar de Almeida. *Dicionário da terra e da gente de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1985.
3. BARROSO, Gustavo. *História militar do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. 341 p.
4. CINTRA, Geraldo de Ulhoa e CRETELLA JÚNIOR, José. *Dicionário latino-português*, São Paulo: Ed. Anchieta, 1944.
5. CABANELLAS TORRES, G. *Diccionario militar: aeronáutico, naval y terrestre*, Buenos Ayres: Bibliográfica Oneba, 1961, 4 t.

6. CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo dicionário crítico e etymológico da língua portuguesa*. Paris: Oficina Typographica de Casimir, Editor, Angelo Francisco Cordeiro, 1836.
7. COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Ed. Gredos, 1954.
8. CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
9. DAUZAT, Albert. *Les étapes de la langue française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948. 134 p.
10. *Histoire de la langue française*, Paris: Payot, 1930. 588 p.
11. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Larousse, s.d.
12. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 15ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (s.d.)
13. *GRANDE enciclopédia portuguesa e brasileira*. Lisboa – Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada (s.d.), v. VII.
14. MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1959.
15. MARCO FILHO, Luís de. *História militar da PMMG*. Belo Horizonte: Academia de Polícia militar, 1988. 123 p.
16. NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*: com prefácio de Meyer Lübke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.
17. SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da língua portuguesa*. Facsímile da 2 ed. de 1813, photographada pela Revista da Língua Portuguesa sob a Direção de Laudelino Freire. Rio de Janeiro: Oficinas da S.A. Litho-Typographia Fluminense, 1922, 2 v.
18. – *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10 ed. revista, corrigida, muito aumentada e actualizada. Editorial Confluência.

19. SILVA, Oscar Vieira da. **Alferes**, a palavra. *O Alferes*, Belo Horizonte, n. 24, p. 77.
20. SOUZA, Marcos Spagnuolo de, Maj PM. *Polícia militar, Estado e Sociedade*. (Mimeo).
21. TACITE, *Annales*. Texte établi et, d'après, traduit par Henri Bornecgne. Paris: Lib. Garnier Frères, 1974. 2 v.
22. TÁCITO, Cornélio C. *Anais*. Trad. de Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1964. 416 p.
23. VICENTE, Gil. *O velho da horta, Auto da Barca do Inferno, A farsa de Inês Pereira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1965. 134 p.

Abstract: Colonel, the word. This is a study of the word "Colonel" related with two basic acceptations, its origins and use in the military language in Europe and Brasil. The paper also analysis, briefly, the inflexion of the gender in the word.

Artigo recebido em 22-08-91